Capítulo 46
As reformas religiosas do século XVI

A Reforma Religiosa do século XVI foi a grande revolução espiritual da época moderna. Representou, no plano religioso, a passagem do feudalismo ao capitalismo. Não foi simplesmente uma reforma, pois, ao romper a unidade do cristianismo no Ocidente, transformou brutalmente a estrutura eclesiástica e a doutrina da salvação. Mudou aspectos formais e de conteúdo.

Nos fins da Idade Média, *Reforma* tinha o significado de purificação interior e de busca de regeneração da Igreja Católica. Os protestantes a entenderam como restauração do verdadeiro cristianismo contra o mundanismo de Roma; esforçaram-se para diminuir a importância da renovação que a própria Igreja realizou. Assim, tivemos reformas, e não reforma: a Pré-Reforma Católica, a Reforma Protestante, a Reforma Católica e a Contra-Reforma.

1. As condições e as razões

O progresso comercial e urbano criou uma nova realidade econômica. Mas a Igreja, ao condenar a usura, os juros e o lucro, impedia o avanço do processo de acumulação de capital. Era necessária uma religião que o estimulasse. Ao mesmo tempo, a crise do feudalismo havia criado problemas sociais que, certamente, conduziria a uma crise religiosa. Se os senhores eram católicos, os camponeses oprimidos facilmente assumiriam a posição contrária, transformando luta religiosa em luta de classes.

No plano político, às monarquias nacionais, centralizadoras, interessava controlar a Igreja. Uma convulsão religiosa daria a elas a oportunidade de lhe confiscar os bens, como aconteceu na Inglaterra. Na Alemanha, principados em fase de centralização tinham interesse em submeter a Igreja e expropriar-lhe os bens.

Mas não se pode dar à Reforma explicações puramente econômicas. Ela não é filha do capitalismo. O grande problema foi a crise religiosa resultante de um descompasso entre as necessidades espirituais dos fiéis e a organização da Igreja Católica.

Tinham sido notáveis os progressos da fé desde a Idade Média. As Cruzadas, as catedrais góticas, as próprias heresias eram provas de fé. Com a invenção da imprensa e as numerosas edições da Bíblia, cresceu a consciência religiosa dos fiéis, seu poder de crítica. Humanistas, como Erasmo de Roterdã, passaram a condenar a ignorância e a imoralidade. O baixo clero cometia barbaridades, como comerciar com coisas sagradas. E até papas se comportavam mal: faziam guerras, tinham filhos naturais e viviam em cortes luxuosas, pagas pelos fiéis. Para construir a basílica de São Pedro em Roma, Leão X negociou na Alemanha com o banqueiro Jacob Függer a venda de indulgências, verdadeiros *bilhetes de salvação*. O papado acabou desmoralizado, com a intervenção das famílias italianas na eleição dos papas e o envolvimento deles com o poder político na Europa. Fortaleceu-se a *teoria conciliar*, ou seja, a idéia de que toda grande decisão deveria ser tomada por um concílio.

Os abusos tornaram-se visíveis. O problema era que a salvação só dependia das obras — as boas ou más ações dos fiéis. Sendo os padres os intermediários entre os fiéis e Deus, a obstrução desse canal de salvação criou uma crise de consciência religiosa, muito grave porque se dava num momento de transição, quando as estruturas estavam rompidas; e os problemas da fé se misturavam a problemas econômicos, sociais e políticos.

2. A Reforma de Lutero

Monge alemão, professor de Teologia, Lutero denunciou o clero em 1517. Afixou 95 condenações na porta da catedral de Wittenberg, cidade onde morava. Mas só mais tarde percebeu o alcance das acusações: elas atingiam dogmas da Igreja, pois declaravam que a salvação depende só da fé, não das obras. O papa, como Lutero se recusasse a retratar-se, excomungou-o em 1520. Lutero refugiou-se no castelo de Wartburg, onde escreveu panfletos e traduziu a Bíblia para o alemão. Foi decisivo para a vitória do luteranismo o apoio de príncipes alemães, interessados em livrar-se da influência papal e do imperador, católico.

Os príncipes tomaram terras da Igreja e as consideraram propriedade do Estado. A pequena

nobreza aproveitou e tentou unificar a Alemanha. Em 1524, os camponeses explodiram em revolta, que durou até 1536, mesmo após a prisão de seu líder Thomas Müntzer. Lutero, sustentado pelos príncipes, condenou os revoltosos.

Os príncipes luteranos rebelados contra a imposição do catolicismo foram chamados de *protestantes*. Em 1555, a Dieta (Assembléia) de Augsburgo decidiu: cada príncipe adotaria a religião que quisesse.

Segundo o luteranismo, a salvação não se alcança por obras, mas por fé, confiança na bondade de Deus, sofrimento interior. O culto, simples, composto de salmos e leitura da Bíblia, é considerado contato direto entre Deus e o fiel. Dispensa-se o clero como intermediário. Lutero conservou apenas dois dos sete sacramentos do catolicismo: *batismo* e *eucaristia,* ou comunhão. Mesmo assim, na eucaristia acreditava apenas na presença de Jesus no pão e no vinho, e não na transformação do pão e do vinho no corpo e no sangue de Cristo, como os católicos acreditam.

3. A Reforma de Calvino

Em 1534, quando Calvino começou a pregar na França, já havia ali numerosos adeptos de uma reforma dentro da Igreja. Obrigado a se esconder, ele foi convidado a viver em Genebra, Suíça. Lá implantou as *Ordenações Eclesiásticas*, leis rígidas e intolerantes. Organizou a Igreja Calvinista em termos de fiéis, pastores e um conselho de anciãos. Suas idéias se espalharam rapidamente. Teodoro de Beza, que dirigia em Genebra a Academia Teológica, levou-as para Gênova, Itália. Logo, elas chegaram à França, Holanda, Inglaterra (onde o calvinismo se chamou *puritanismo*) e Escócia (onde João Knox introduziu o calvinismo por motivos políticos).

Em *Instituição da Religião Cristã*, Calvino propôs reformas mais radicais que as de Lutero. Também acreditava que a salvação se conseguia com a fé, mas para ele ter fé não depende dos homens, sim de Deus, que a dá aos seus eleitos. Segundo Calvino, só as Escrituras são base da crença, ao contrário dos católicos, que acreditam igualmente na tradição dos mestres. O calvinismo simplificou ainda mais o culto: só comentários à Bíblia, feitos por sacerdotes sem paramentos, em igreja sem imagens. Conservou os sacramentos do batismo e da comunhão; na eucaristia, Cristo está presente apenas espiritualmente. Como Lutero, Calvino considerava a Igreja útil à salvação.

4. A Reforma Anglicana

A recusa do papa ao pedido de anulação do casamento de Henrique VIII com Catarina de Aragão, para que ele pudesse desposar Ana Bolena, causou a ruptura entre o rei inglês e o papado. Mas os motivos verdadeiros foram políticos (escapar ao controle do papa e submeter a Igreja ao Estado) e econômicos (tomar os bens da Igreja). Em 1534, pelo *Ato de Supremacia*, Henrique criou uma Igreja nacional, mas sem mudar o culto. Seu filho Eduardo VI realizaria as mudanças. Em 1549, impôs o *Livro de Orações Comuns*, escrito em inglês. Em 1553, suprimiu a missa e autorizou o casamento dos padres.

A Reforma Anglicana estabeleceu-se definitivamente sob o reinado de Elizabeth I (1558-1603). Pela *Lei dos 39 Artigos*, de 1563, adotava-se o calvinismo, conservando a hierarquia episcopal e parte do cerimonial católico. O anglicanismo passava assim a ter um conteúdo protestante (calvinista) e uma forma católica.

5. Reforma e Contra-Reforma

A Igreja Católica viu-se em situação desesperadora com o avanço do protestantismo, que se estendia por toda parte. O papado hesitava, diante da luta interna contra a teoria conciliar: seria impossível realizar uma reforma sem convocar o concílio. Foi decisivo o surgimento da *Companhia de Jesus*, lançada por Inácio de Loyola em 1534, em Paris, e confirmada pelo papa Paulo III em 1540. Os jesuítas, soldados de Cristo cegamente obedientes ao papa, encarregaram-se de organizar o Concílio de Trento, que se reuniu em 1545.

Enquanto o concílio não se reunia, o papa tomou medidas; restaurou os tribunais da Inquisição. O *Santo Ofício*, dominado por dominicanos e com sede em Roma, conteve o avanço protestante violentamente, em Portugal, Espanha e Itália. Em 1543, foi criada a *Congregação do Índex*, para publicar a lista dos livros proibidos aos cristãos.

O Concílio Ecumênico, isto é, universal, reuniu toda a Igreja entre 1545 e 1563, em Trento,

cidade do Império Germânico perto da fronteira italiana. Dele saiu uma Igreja reformada e modernizada. Graças à ação dos jesuítas, reforçou-se a autoridade do papa e manteve-se a doutrina tradicional, contra a oposição de setores do clero francês. A disciplina se restabeleceu, com a fixação de condições e idade mínima para o exercício de funções eclesiásticas e a proibição de acumulação de paróquias e bispados por um mesmo religioso. A grande mudança foi a criação de seminários para formar os padres. Foi criado um *Catecismo* e um *Missal*.

Os católicos desencadearam então a Contra-Reforma, com medidas de combate sistemático aos protestantes, em três frentes. A primeira era a recuperação de áreas sob influência do protestantismo, através da *educação*, com a criação de colégios destinados ao ensino primário e à recuperação das novas gerações. O resultado foi a reconquista de parte da Renânia, sul dos Países Baixos e Polônia. Segunda frente: difusão do catolicismo entre povos não-cristãos, através da *catequese*, em que se destaca a ação de São Francisco Xavier no Japão. A terceira frente foi a *contenção* do protestantismo através dos tribunais da Inquisição.

Questões propostas

1. A Reforma correspondeu a qual período histórico em termos econômicos? Quais fatores levaram a esta revolução espiritual da época moderna?

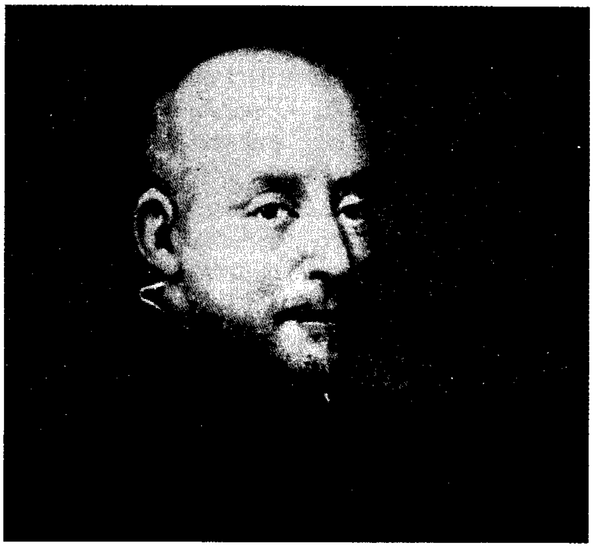
2. Explique a Reforma do ponto de vista religioso.

3. Disserte sobre o luteranismo: por que e como surgiu; o que foi decisivo para a vitória de Lutero; o que decidiu a Dieta de Augsburgo em 1555; o que propunha a doutrina de Lutero.

4. Disserte sobre a Reforma de Calvino: como surgiu; como Calvino constituiu sua igreja; exemplos que mostrem como o calvinismo foi mais radical que o luteranismo.

5. Como e por que surgiu a Igreja Anglicana? O que ensinava essa doutrina?

6. Que reações as reformas protestantes provocaram na Igreja Católica?



Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus (ordem dos jesuítas), destinada a combater o avanço do protestantismo.